

## O Papa Que Veio Do Leste

por Mário Soares

Foi às 21,37 (hora de Roma) do dia 2 de Abril que faleceu o Papa polaco João Paulo II, de seu nome Karol Woytyla, perante a emoção geral – e o silêncio profundo – de milhares de católicos apinhados na Piazza de San Pietro. Para os crentes, como se sabe, a morte não é mais do que um momento da vida e não é, necessariamente, triste: é uma passagem em que se parte ao encontro de Deus, como recordou agora o Vigário de Roma.

No entanto, nos meses que precederam a morte, a sua existência foi um calvário de sofrimento, aceite com imensa coragem e dignidade e, nos últimos dias, uma longa agonia testemunhada, quase em directo, através das televisões do mundo inteiro.

Conheci pessoalmente João Paulo II. Tive o privilégio de encontrar Sua Santidade quatro vezes. Duas em Portugal, nas visitas que nos fez e duas em Roma, na qualidade de Primeiro Ministro e de Presidente. Conservo na memória essas conversas e, nítida, a impressão profundíssima que me produziram. João Paulo II era um homem de uma extraordinária autenticidade, de uma excepcional qualidade humana, moral e religiosa. E de uma afabilidade e bondade transparentes.

Natural da Polónia, veio da “Igreja do Silêncio” para Roma. Conheceu – e combateu – a opressão totalitária e fez aí a sua primeira aprendizagem política. Inesquecível! Sentiu, como dele, a luta dos católicos polacos que combateram o comunismo. Através do movimento “Solidarnosc”, de Lech Walesa, que, aliás, indirectamente, viria a ajudar a derrubar o muro de Berlim e depois o império soviético. Nesse sentido, e pela ajuda decisiva que deu à abertura desse mundo à democracia, não se pode ignorar, no percurso do Papa ora desaparecido, a dimensão que também teve de ser um dos políticos que mais marcaram as últimas décadas do século XX.

Trabalhador manual, antes de se ter ordenado padre, Karol Wojtyla tinha também uma apurada sensibilidade social. O seu empenhamento ao lado dos pobres e desvalidos – pessoas e países – foi uma constante do seu Pontificado. Da mesma maneira que combateu o comunismo, como um sistema desumano e cruel, também nunca deixou de criticar como injusto e cruel o capitalismo selvagem e a mundialização desregulada neo-liberal, que, a não ser corrigida, está a atirar o mundo para um desastre senão para uma catástrofe de trágicas consequências.

João Paulo II foi um homem de paz e de diálogo. Activo participante do Concílio Vaticano II, como sempre se orgulhou de ter sido, percebeu que os caminhos da paz teriam de passar, necessariamente, pelo diálogo entre religiões diferentes. Foi o primeiro Papa a visitar uma sinagoga e uma mesquita e a deslocar-se a Jerusalém, onde rezou junto do muro das lamentações, lugar sagrado dos judeus. O chamado “espírito de Assis”, em que a Comunidade de Santo Egídio tanto se tem empenhado, foi sempre impulsionado por João Paulo II, desde que promoveu o I Encontro Ecuménico, entre as diferentes religiões, precisamente em Assis.

Foi, igualmente, um grande lutador em favor da paz, da resolução dos conflitos pela mediação, com repulsa pela violência e pelas “guerras preventivas”. Foi um permanente peregrino da paz e do bom entendimento entre os povos. Lembremo-nos da sua corajosa atitude crítica em relação à guerra do Iraque, que condenou explicitamente, tendo o Vaticano feito os maiores esforços diplomáticos para a evitar, até ao último momento.

Foi ainda alguém que teve a dignidade de pedir perdão à Humanidade pelos erros e violências cometidos pela Igreja, em vários momentos. Abriu, assim, caminho à reconciliação universal entre religiões e civilizações, o contrário do “choque de civilizações” previsto por Samuel Huntington.

Aponta-se-lhe, como reverso da medalha, uma certa rigidez teológica, não permitindo a abertura da Igreja à modernidade, ao contrário do que seria a consequência lógica e natural do Concílio Vaticano II. Diz-se que João Paulo II estava muito próximo da Opus Dei. Foi contra a chamada “teologia da libertação”, que condenou expressamente, numa visita à Nicarágua

Sandinista, quando era membro do governo, um revolucionário que nunca deixou de ser padre, Ernesto Cardinal.

Não obstante estes aspectos, que se consideram geralmente negativos, no Pontificado do "Papa que veio do frio", o legado que deixa João Paulo II é extremamente relevante. Por isso, não se pode estranhar que a sua morte seja considerada como uma enorme perda para a Humanidade. Esta é a opinião expressa por crentes (católicos e de muitas outras religiões) e bem assim por não crentes.

Mário Soares

PS: Felicito Fernando Madrinha pela publicação em português, do "Courrier International", jornal de que sou leitor desde o seu aparecimento. A publicação portuguesa, que hoje se inicia, tem ainda a mais valia de inserir colaborações de originais portugueses e do espaço da Lusofonia.

M.S.